

Cidadãos de um Reino Celestial!

(Mateus 5:1–12)

O texto de Mateus 5 a 7 já foi descrito como “o melhor discurso da literatura universal”¹, “O Manifesto do Rei”, “As Diretrizes da Vida Consagrada”, “A Carta Magna da Igreja” e “A Constituição do Reino do Céu”. A maioria dos cristãos conhece esse trecho da Bíblia pela expressão empregada por Agostinho no quarto século: “O Sermão do Monte”². Milhares e milhares de livros, artigos, sermões e lições já se basearam nele. Muitos consideram esses capítulos a expressão máxima de como a vida deve ser vivida.

Infelizmente, “o Sermão do Monte é provavelmente a parte mais conhecida dos ensinamentos de Jesus, embora se possa argumentar que seja a menos compreendida e, certamente, a menos obedecida”³. Ao iniciarmos o estudo desse sermão, oramos para que esta série motive você a obedecer aos preceitos nele declarados (veja Mateus 7:24–27).

PREPARAÇÃO PARA O ESTUDO

Alguns Esclarecimentos

Antes de iniciarmos nossa análise de Mateus 5:1–12, convém observarmos certos aspectos. Começamos com alguns esclarecimentos. Em primeiro lugar, queremos enfatizar que *o sermão do monte não é a suma de tudo que Jesus ensinou*. Muitos tópicos vitais são abordados em Mateus 5 a 7, mas não

podemos privilegiar esses capítulos em detrimento dos demais ensinamentos de Jesus.

Há quem pense que o sermão do monte contém tudo com que devemos nos preocupar. Dizem esses com loquacidade: “Não me importo com todas aquelas coisas sem importância sobre as quais os pregadores gostam de discorrer. Creio que basta apenas viver conforme o sermão do monte”. Essa perspectiva pode dar a impressão de que “viver pelo sermão do monte” é uma tarefa fácil. E isso nos leva a indagar se quem pensa assim leu seriamente o sermão (por exemplo, veja 5:39).

A omissão mais óbvia no sermão é o evangelho, a boa nova da morte de Jesus pelos nossos pecados. Charles R. Erdman fez esta criteriosa observação sobre o sermão do monte:

Ele estabelece as leis fundamentais do Reino, mas destituído da verdade da pessoa divina e da obra redentora de Cristo, ele encheria o coração do ouvinte de confusão e desespero.

Erdman observou que se a única passagem bíblica que tivéssemos fosse esse sermão, todos estaríamos condenados — pois ele revela um ideal divino e um padrão de conduta perfeito. Nenhum homem consegue se aproximar desse padrão sem a ajuda de Deus⁴.

Como já dissemos, o sermão do monte não é a suma de tudo que Jesus ensinou. É um resumo maravilhoso do que envolve ser um cidadão do reino de Cristo, mas não contém tudo que precisamos saber como Seus seguidores.

Em segundo lugar, *o propósito principal de Je-*

¹Charles R. Erdman, *The Gospel of Matthew*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1966, p. 53.

²Jim Bill McIner, “The Place, The People, The Preacher”, *20th Century Christian* 23, agosto de 1961, p. 3.

³John R. Stott, *A Mensagem do Sermão do Monte*. Trad. Yolanda M. Krieven. Reimpressão. São Paulo: ABU Editora, 1986, p. 1.

⁴Erdman, p. 53.

sus não era chamar Seus compatriotas judeus de volta aos fundamentos da lei de Moisés. Alguns insistem que o sermão é pouco mais do que um esforço de Jesus para restaurar os preceitos do Antigo Testamento. É verdade que o sermão foi pregado para judeus numa época em que o Antigo Testamento estava em vigor⁵. Não nos surpreende, portanto, encontrar nele citações do Antigo Testamento (veja 5:21) e referências a práticas vétero-testamentárias como levar uma oferta ao altar (vv. 23, 24)⁶. Todavia, precisamos entender que, embora não ignorasse o passado, Jesus estava anunciando um novo caminho para o futuro. Percorrendo o capítulo 5, percebemos quantas vezes Jesus disse: “Ouvistes que foi dito... eu, porém, vos digo” ou palavras com esse efeito (vv. 21, 22, 27, 28, 33, 34, 38, 39, 43, 44). Jesus não recorreu à autoridade de Moisés, mas à Sua própria autoridade (veja 7:28, 29).

Em terceiro lugar (e talvez o mais importante), *o sermão do monte não propõe um alvo impossível.* Alguns rejeitam o sermão afirmando que se trata de um ideal intangível, deduzindo que não vale a pena tentar praticar seus princípios. Outros sugerem que Jesus nunca teve a intenção de aplicar os mandamentos do sermão às pessoas do primeiro século. Dizem esses que as instruções radicais de Jesus se destinavam somente aos discípulos daquela época, a fim de prepará-los para um reino físico que Ele esperava instituir em breve. Tal sugestão é insultuosa tanto para Cristo (uma vez que apresenta Jesus como se Ele desconhecesse os planos divinos) como para o Espírito Santo que inspirou a Palavra (pois implica que a revelação do Espírito não é para todos os tempos).

É admissível que muitos dos princípios encontrados no sermão do monte são difíceis de se seguir na vida diária. Muitos cristãos admitem que estão longe dos padrões do sermão. Muitos se esforçam para preencher os requisitos de Cristo e esperam continuar se esforçando até o fim de suas vidas na terra. Isto não é o mesmo que dizer que as exigências do sermão são impossíveis ou que não devemos nos esforçar ao máximo para viver pelos seus padrões. Seria um desserviço aos

⁵A velha aliança vigorou até Cristo morrer na cruz, e a nova aliança entrou em vigor na morte de Jesus (veja Colossenses 2:14; Hebreus 9:15–17).

⁶Não é difícil adaptarmos as referências aos procedimentos vétero-testamentários às práticas neotestamentárias. Por exemplo, “ao trazeres ao altar a tua oferta” (5:23) equivale aproximadamente a “ao vires adorar a Deus”.

ouvintes se “abrandássemos” os princípios do sermão do monte. Vejamos as observações feitas por G. K. Chesterton sobre Mateus 5 a 7:

...à primeira leitura, sente-se que tudo virou de cabeça para baixo, mas na segunda vez que se lê o trecho, descobre-se que ele coloca todas as coisas de cabeça para cima. Na primeira vez que se lê o trecho parece que é impossível, na segunda vez, sente-se que não há outros possíveis.⁷

Nesta série de lições, o desafio para cada um de nós será dar o máximo de si para preencher as exigências delineadas no sermão do monte. Ao fazermos isso, precisamos pedir a Deus força e coragem para sermos o que devemos ser e fazer o que devemos fazer. Então, após termos nos empenhado ao máximo e reconhecer que ainda estamos longe do ideal, temos de nos atirar diante da graça e da misericórdia de Deus.

Discussão

Outras questões preliminares poderiam ser discutidas. Por exemplo, alguns questionam se o sermão do monte em Mateus 5 a 7 e o sermão da planície em Lucas 6 são o mesmo sermão. Anos atrás, a maioria dos estudiosos acreditava que se tratava de dois sermões distintos. Hoje, é mais comum se ouvir que são dois relatos do mesmo sermão. Não é possível definir essa questão, mas isso não é importante. Sendo ou não o mesmo sermão, há semelhanças suficientes entre os dois relatos que podem ser proveitosamente comparadas. Nosso foco será o relato de Mateus, mas, de vez em quando, faremos referência ao relato de Lucas.

Pelo menos mais uma coisa deve ser dita em relação ao pano de fundo. Ao preparar estas lições, estávamos cientes do perigo de escrutinar demasiadamente o texto em vez de deixar as palavras de Jesus falarem por si mesmas. Despetalar uma flor para inspecionar cada pétala destrói a flor e estraga a sua beleza. Examinaremos o texto, mas oramos para que nossas observações não prejudiquem as palavras de Jesus. Ao contrário disso, esperamos que elas lancem luzes sobre o texto de maneira que sua beleza e poder fiquem aparentes. Não faremos nenhuma tentativa de dizer tudo que pode ser dito sobre os capítulos. Uma coisa aprendemos com tudo que já foi escrito sobre o sermão

⁷Citado em E. Stanley, *The Christ of the Mount*. Nova York: Abingdon Press, 1931, p. 14.

do monte: sempre haverá mais uma coisa a ser dita sobre esse discurso inigualável.

Estas informações são suficientes por ora. Abordaremos questões afins, à medida que examinarmos os primeiros versículos de Mateus 5.

PREPARAÇÃO PARA O SERMÃO (5:1, 2)

Cenário

Mateus 5 começa com estas palavras: “Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte” (v. 1a, b). As multidões vistas por Jesus são mencionadas no último versículo do capítulo anterior: “E da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e além do Jordão numerosas multidões o seguiam” (4:25).

Em Mateus 4 lemos sobre o início do que veio a se chamar “O Grande Ministério na Galiléia”, o período de um ano e meio na metade do ministério terreno de Jesus. Ele estivera pregando na província da Judéia (veja João 3:22–24), mas quando ouviu “que João fora preso, retirou-se para a Galiléia” (Mateus 4:12). A Galiléia foi onde Jesus passara os primeiros trinta anos de Sua vida. De volta a essa província, Ele convidou homens para um discipulado em período integral (vv. 18–22). Jesus viajou por “toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo” (v. 23). O âmago da mensagem de Jesus era: “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (v. 17). Logo, “numerosas multidões o seguiam” (v. 25a). Vendo essas multidões, Jesus “subiu ao monte” (5:1b). Talvez Ele quisesse sair do meio da multidão, talvez quisesse simplesmente um lugar mais favorável para dali se dirigir aos Seus ouvintes.

Não sabemos qual “monte” o Senhor “subiu”. O local tradicionalmente indicado é Os Chifres de Hattin, mas não podemos afirmar com certeza que foi ali. A palavra traduzida por “monte” (*oros*) também pode significar “colina”. (A mesma palavra grega é usada em 5:14, que fala de uma “cidade edificada sobre um monte”.) O artigo definido (“o”) antes de monte não significa necessariamente um monte específico ou bem conhecido. Segundo o léxico de Joseph H. Thayer, a terminologia indica apenas “o monte mais próximo do referido lugar, o monte próximo dali”⁸. O sermão

provavelmente foi pregado em algum lugar nas elevações escarpadas localizadas precisamente no oeste do mar da Galiléia.

Retomando o texto, lemos: “e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos” (v. 1c, d). A posição sentada era a postura usual no ensino formal (veja 13:2; 23:2; 24:3; 26:55). Nas sinagogas judaicas, o professor se sentava (veja Lucas 4:20). Observemos que o texto diz que “aproximaram-se os seus discípulos”⁹. O próximo versículo diz que Ele “passou a ensiná-los”. Segundo o relato de Lucas, Jesus escolheu doze apóstolos pouco antes desse sermão (veja Lucas 6:12–16). Nesse caso, o sermão poderia ser considerado como “uma sessão de orientação para os recém-nomeados apóstolos”¹⁰. Mas Jesus tinha outros discípulos além dos doze (veja Lucas 10:1). Um discípulo era alguém que seguia um mestre com a finalidade de aprender. Os discípulos de Mateus 5:1 tinham, até certo ponto, colado em Jesus. Eram estudantes sérios.

Num sentido, o sermão do monte é para todos porque Jesus deseja que todos sejam Seus discípulos. No fim do sermão, somos informados de que a multidão esta presente enquanto Jesus ensinava (veja 7:28–8:1). Num sentido mais amplo, porém, só aqueles que são discípulos de Jesus podem entender, aceitar e seguir os preceitos do sermão. Em outra ocasião, Jesus observou: “... sem mim nada podeis fazer” (João 15:5).

Tenhamos em vista este cenário: Jesus encontrou um lugar para sentar-se. Depois Seus discípulos (os que queriam realmente aprender) sentaram-se ao redor dEle. Por fim, atrás dos discípulos havia uma multidão em pé, composta pelos mais curiosos do que comprometidos. A multidão continuou a crescer enquanto Jesus discursava.

O Discurso

A passagem diz que Jesus “passou a ensiná-los, dizendo...” (Mateus 5:2). A expressão “dizendo” significa mais do que “Ele abriu a boca para falar”. A expressão era um “hebraísmo, que indicava que as palavras ditas não são uma elocução por acaso, mas por vontade e propósito

Baker Book House, 1977, p. 454.

⁹Esta é a primeira ocorrência da palavra “discípulo” ou “discípulos” em Mateus.

¹⁰David Roper, *The Life of Christ, 1, Truth for Today* Commentary Series. Searcy, Ark.: Resources Publications, 2003, p. 218.

⁸C. G. Wilke e Wilibald Grimm, *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, trad. e rev. Joseph H. Thayer. Edimburgo: T. & T. Clark, 1901; reimpressão. Grand Rapids, Mich.:

estabelecidos”¹¹. Jesus “começou a ensiná-los, dizendo” — e assim Seu discurso magistral foi proferido.

Jesus havia ensinado anteriormente sobre Seu reino que logo seria estabelecido:

Daí por diante, passou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus (4:17).

Percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino... (4:23).

O tema do reino continuou sendo central no ensino de Jesus em Mateus 5 a 7. Observemos quantas vezes o termo “reino” aparece no sermão (5:3, 10, 19, 20; 6:10, 13, 33; 7:21). Especialmente, observemos o contexto de cada uma dessas referências. Ao estudarmos o sermão, aprenderemos qual é a natureza do reino (espiritual, e não físico) e o tipo de compromisso que o Rei exige (total). Acima de tudo, aprenderemos o que implica ser cidadão do reino de Cristo: quem é cidadão do reino celestial e o que esse cidadão faz.

Alguns escritores sugerem que o que vem após Mateus 5:1 e 2 não é um sermão, mas uma compilação de ensinamentos de Jesus, escolhidos e organizados por Mateus. Se aceitarmos o relato de Mateus, não há motivo para chegarmos a essa conclusão. “Mateus apresenta o sermão como um discurso particular que ocorre num dado momento e local” (veja 5:1; 8:1)¹². Provavelmente, porém, é verdade que temos uma versão condensada do sermão. (Em sua forma atual, ele leva apenas de dez a quinze minutos para ser lido em voz alta.) É até possível que, de vez em quando, Jesus tenha feito algumas pausas e que o Seu ensino tenha sido transmitido outra vez mais demoradamente. Alguns preferem chamar Mateus 5 a 7 de “O Ensino da Colina”¹³. Cremos que estes três capítulos de Mateus são um sermão real pregado por Jesus aos Seus discípulos, ouvido pela multidão e, finalmente, idealizado para todos que estão dispostos a entregar suas vidas a Ele.

¹¹A Lukyn Williams, “St. Matthew”, *The Pulpit Commentary*, vol. 15, ed. H. D. M. Spence e Joseph S. Exell. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950, p. 146.

¹²Jack P. Lewis, *The Gospel According to Matthew, Part 1*, Living Word Series. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1976, p. 78.

¹³Harvey Scott, *The Sermon on the Mount*. Texarkana, Tex.: The Christian Helper, 1947, p. 3.

PREPARAÇÃO PARA A CIDADANIA (5:3–12)

No restante desta lição introdutória, apresentaremos uma amostra do que nos aguarda analisando brevemente a primeira seção do sermão, as bem-aventuranças¹⁴:

Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.

Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós (5:3–12).

Há oito bem-aventuranças. A forma de expressão usada (“bem-aventurados os”) não é incomum na Bíblia¹⁵, mas em nenhuma outra passagem das Escrituras encontramos “uma série tão extensa e cuidadosamente elaborada como aqui”¹⁶.

Ignorando por enquanto o fato de que a oitava bem-aventurança contém uma extensão, há três partes em cada bem-aventurança: uma bênção, uma qualidade e uma recompensa. Por exemplo, a primeira começa com a bênção: “Bem-aventurados”. Depois é citada uma qualidade dos cidadãos do reino celestial: “humildes [“pobres”; ERC] de espírito”. E se encerra com uma recompensa prometida: “deles é o reino dos céus”. Nesta breve visão geral, contemplaremos as bem-aventuranças analisando essas três partes, uma por vez.

A Bênção

“Bem-aventurados” é a tradução da palavra grega *makarios*, que significa “abençoado” ou “fe-

¹⁴Se você já ensinou a série intitulada “As Bem-Aventuranças”, pode se referir a essas lições ou sermões.

¹⁵Por exemplo, veja Salmos 1:1. Há sete bem-aventuranças espalhadas pelo Livro de Apocalipse (1:3; 14:13; 16:15; 19:9; 20:6; 22:7, 14).

¹⁶R. T. France, *The Gospel According to Matthew*, Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: InterVarsity Press, 1985, p. 108.

liz”. “Ela introduz alguém que deve ser parabenizado, alguém cujo lugar na vida é invejável”¹⁷. Alguns dizem que Deus não quer que Seus filhos sejam felizes, mas essa é uma mentira do diabo. Deus não colocou o primeiro casal num cortiço infestado de ratos nem num fosso repleto de doenças, mas num paraíso. (Foi o pecado que trouxe tristeza e sofrimento ao mundo.) Podemos traduzir o termo com exatidão por “felizes”¹⁸ — desde que não definamos o termo “feliz” com a mesma superficialidade com que o mundo o define. Ralph Sweet observou que há duas maneiras de se encontrar a felicidade¹⁹. A primeira é tentar criar um ambiente que satisfaça cada desejo de um indivíduo. Essa é a maneira do mundo, uma maneira fadada ao fracasso. A segunda é desenvolver traços da personalidade que capacitem o indivíduo a ser feliz em qualquer ambiente. Essa é a abordagem das bem-aventuranças.

As Qualidades

Quais traços da personalidade precisamos desenvolver para sermos abençoados e felizes?²⁰

- Precisamos ser “humildes de espírito”, cientes de nossa carência espiritual.
- Precisamos “chorar” pela nossa carência espiritual.
- Precisamos ser mansos e “brandos”, dispostos a ceder a Deus e à Sua Palavra.
- Precisamos ter “fome e sede de justiça”, ter um desejo ardente de sermos considerados justos pelo Senhor.
- Precisamos ser “misericordiosos”, mais preocupados com os outros do que conosco.
- Precisamos ser “limpos de coração”, tendo corações puros e limpos que se concentram nas coisas de Deus.
- Precisamos ser “pacificadores” que seguem ativamente a paz com os outros e com Deus.
- Precisamos permanecer fiéis a Cristo quando formos “perseguidos por causa da justiça”.

¹⁷Ibid.

¹⁸A ERAB traduz uma forma do vocábulo por “mais feliz” em 1 Coríntios 7:40.

¹⁹Ralph Sweet, *Moments on the Mount*, Living Word Series. Austin, Tex.: R. B. Sweet Co., 1963, p. 17.

²⁰O trecho seguinte se baseia nas conclusões apresentadas na edição “As Bem-Aventuranças”, *A Verdade para Hoje*.

Do começo ao fim do sermão do monte, Jesus deixou claro que os cidadãos do Seu reino devem ser diferentes dos cidadãos do reino de Satanás. Sugerimos que a idéia principal do sermão encontra-se em Mateus 6:8: “Não vos assemelheis, pois, a eles...”²¹ John R. W. Stott escreveu:

Não há um único parágrafo no sermão do monte em que esse contraste entre os padrões cristão e não-cristão não sejam traçados... Aqui está um sistema de valores, um padrão ético, uma consagração religiosa, uma atitude para com o dinheiro, a cobiça, o estilo de vida e a rede de relacionamentos — todos totalmente em divergência com os do mundo não-cristão.²²

Em nenhum outro lugar esse contraste é visto mais claramente do que nas bem-aventuranças²³. Jesus disse: “Bem-aventurados os humildes (pobres) de espírito”. O mundo diz: “Bem-aventurados os ricos e orgulhosos”. Jesus disse: “Bem-aventurados os que choram”. O mundo diz: “Bem-aventurados os que não têm motivos para chorar”. Jesus disse: “Bem-aventurados os mansos”. O mundo diz: “Bem-aventurados os fortes e poderosos que podem impor suas vontades aos outros”. Jesus disse: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça”. O mundo diz: “Bem-aventurados os que passam a vida preocupados apenas com o que ela pode lhes dar”. Jesus disse: “Bem-aventurados os misericordiosos.” O mundo diz: “Bem-aventurados os que se vingam quando se sentem maltratados”. Jesus disse: “Bem-aventurados os limpos de coração”. O mundo diz: “Bem-aventurados os que pensam que pureza não é importante e que satisfazer os próprios desejos é tudo o que importa”. Jesus disse: “Bem-aventurados os pacificadores”. O mundo diz: “Bem-aventurados os que brigam — e vencem!” Jesus disse: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça”. O mundo diz: “Bem-aventurados os que conseguem evitar perseguição, e especialmente os que são fortes o bastante para perseguir”.

As Recompensas

Cada bem-aventurança termina com a previ-

²¹Stott, p. 18.

²²Ibid., p. 19.

²³O contraste a seguir baseia-se nas anotações feitas por Coy Roper, “Como Achar a Felicidade”, sermão pregado na igreja de Cristo em Trent, Texas, Estados Unidos, em 1º de janeiro de 2006.

são de uma recompensa. Os cidadãos fiéis do reino de Cristo têm as seguintes promessas:

- “Deles é o reino dos céus.”
- “Serão consolados.”
- “Herdarão a terra.”
- “Serão fartos.”
- “Alcançarão misericórdia.”
- “Verão a Deus.”
- “Serão chamados filhos de Deus.”
- “Deles é o reino dos céus”; “é grande o vosso galardão nos céus.”

Algumas das recompensas parecem se destinar a esta vida, enquanto outras parecem mais destinadas à vida por vir. Nossa sugestão é que cada bênção tem um cumprimento parcial aqui e um cumprimento total na vida por vir. Robert H. Mounce escreveu:

Embora a expressão máxima de cada bênção aguarde o dia do juízo final, as bênçãos propriamente ditas devem ser vivenciadas e desfrutadas no tempo presente. O tempo verbal futuro nos versículos 4 a 9 enfatiza certeza em vez de um período de espera necessário.²⁴

Não se deve pensar no cumprimento parcial agora e no cumprimento total depois como se fossem conceitos mutuamente exclusivos, mas como duas partes da mesma bênção. Imaginemos que toda a sua vida você ansiou por conhecer determinado lugar. Finalmente, você decide fazer a tal viagem. Enquanto viaja, a paisagem que você contempla vai ficando cada vez mais bela, mais parecida com o que você havia previsto. Finalmente, você dobra uma esquina — e ali está! Você chega ao destino e ele é ainda mais bonito do que imaginou! Para o fiel cidadão do reino de Cristo, a vida é “a viagem” e a morte é “a virada na esquina”.

Vejamos como seriam os cumprimentos parcial e total das recompensas das bem-aventuranças:

- “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.” Podem ser agora cidadãos do reino de Cristo (a igreja) e podem esperar pela eternidade no céu.
- “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.” Aqui eles são consola-

dos recebendo o perdão de seus pecados. No futuro, serão consolados na presença de Deus.

- “Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.” Podem desfrutar agora as verdadeiras bênçãos desta vida e, um dia, habitarão “a nova terra” (céu).
- “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.” Nesta vida terrena, eles são nutridos pela Palavra de Deus e pelo cuidado providencial de Deus. Na próxima vida, suas almas conhecerão a absoluta fartura no céu.
- “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.” Aqui os misericordiosos recebem misericórdia de Deus e, às vezes, de outros seres humanos. Obviamente, a maior expressão da misericórdia divina será a salvação eterna no céu.
- “Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.” Eles vêem Deus agora através dos olhos da fé, mas no céu verão a Deus face a face.
- “Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.” Hoje eles são filhos de Deus na família cristã, a igreja. Um dia, o processo de filiação será consumado no céu.
- “Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça.” Podem se regozijar agora porque são perseguidos por causa de Cristo. E se regozijam especialmente porque Jesus prometeu que a recompensa deles será grande.

CONCLUSÃO

E. Stanley Jones escreveu: “Neste mundo moderno, os homens não precisam de nada tanto quanto de uma filosofia de vida que funcione”. Usando a analogia de uma vela de barco, Jones sugeriu que o homem moderno cortou os cabos que o mantinham a salvo. Ele jogou ao mar seu mapa, sua bússola, seu leme e qualquer conceito de destino final. Declarou-se “livre”! Jones concluiu que, agindo assim, as pessoas estão hoje “livres de tudo — tudo exceto das pedras, tempestades e da insanidade insuportável de ser jogado de uma onda para outra no mar das emoções”²⁵. O sermão do monte pode fornecer essa

²⁴Robert H. Mounce, *Matthew*, New International Biblical Commentary. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1991, p. 38.

²⁵Jones, p. 9.

“filosofia de vida que funciona” tão almejada pelas pessoas. Entendamos que o sermão não é apenas uma idéia para ser admirada. Ele não é apenas um padrão pelo qual devemos medir nossas vidas. O sermão do monte é a Palavra “viva e eficaz” de Cristo (Hebreus 4:12), à qual Ele espera que Seus discípulos *obedeçam* (veja Mateus 7:24–27).

Retomemos o cenário do sermão. Jesus está sentado ensinando. Colado a Ele estão os discípulos, desejosos por aprender e praticar. Ao redor deles está a multidão, composta pelos que estão ouvindo, curiosos e talvez até admirados, mas sobre estes o sermão exerce pouco impacto. Em qual grupo você se encontra: entre os discípulos ou entre a multidão? Se você estiver na multidão, oramos para que você decida, antes de concluir este estudo, a tornar-se parte do grupo seletivo dos discípulos de Jesus Cristo!

Notas para Pregadores e Professores

Muitos outros títulos são adequados para esta lição, como “O Desafio de Jesus para Nós”, “Um Chamado Superior”, “Como é um cidadão do reino de Cristo?”, “O Maior Sermão que Já se Pregou”, ou simplesmente “O Sermão do Monte”.

Há cinco blocos de ensino em Mateus. O sermão do monte é o primeiro e o maior. Os outros

quatro estão nos capítulos 12, 13, 18 e 23 a 25.

Reveja as lições publicadas na edição anterior “As Bem-aventuranças”. Obviamente, algumas informações ou comentários aparecem nas duas edições, mas usamos aqui uma abordagem diferente. Se quiser, utilize o diagrama da página 10 ao expor esta lição.

Logo abaixo, apresentamos uma sugestão de Coy Roper para uma aula ou uma pregação exclusiva sobre as bem-aventuranças. Ele intitulou essa lição de “Como Achar a Felicidade” e falou de quatro coisas surpreendentes que as bem-aventuranças revelam sobre a felicidade:

- Surpresa número 1: A felicidade (como geralmente a definimos) não é o objetivo do homem. As bem-aventuranças falam de felicidade, mas a ênfase está nas características que os cidadãos do reino devem ter.
- Surpresa número 2: Não se acha felicidade por meio de sabedoria mundana. A sabedoria exposta nas bem-aventuranças conflita com a chamada sabedoria do mundo.
- Surpresa número 3: A felicidade decorre de atitudes certas, e não do acúmulo de bens.
- Surpresa número 4: Finalmente, nossa felicidade depende do nosso relacionamento com Deus.

UMA VISÃO PSIQUIÁTRICA DO SERMÃO DO MONTE

O mais antigo psiquiatra dos Estados Unidos nos anos cinquenta, James T. Fisher, disse o seguinte sobre o sermão do monte de Jesus:

Se pegássemos a soma total de todos os artigos escritos com autoridade pelos psicólogos e psiquiatras mais bem qualificados sobre o tema da higiene mental, se os juntássemos e aperfeiçoássemos, retirando os excessos de verbosidade, deixando apenas o miolo, a carne, e separássemos os bocados inadulterados de puro conhecimento científico concisamente expressos pelos poetas mais capacitados, teríamos um resumo incompleto e ineficaz do sermão do monte.¹

¹James Tucker Fisher e Lowell S. Hawley, *A Few Buttons Missing: The Case Book of a Psychiatrist*. Filadélfia: J. B. Lippincott Co., 1951. Esta é uma autobiografia, escrita com a ajuda de Hawley. Fisher ainda atuava como psiquiatra aos noventa anos de idade.

AS BEM-AVENTURANÇAS: “Bem-aventurados...”

QUALIDADES		RECOMPENSAS		
		Aqui		No Porvir
“os humildes de espírito”	cientes de sua carência espiritual	“deles é o reino dos céus”	cidadãos do reino/ da igreja	céu
“os que choram”	por sua carência espiritual	“serão consolados”	perdão dos pecados	na presença de Deus
“os mansos”	capazes de se render a Deus e à Sua vontade	“herdarão a terra”	desfrute das verdadeiras bênçãos desta vida	habitarão “nova terra” (céu)
“os que têm fome e sede de justiça”	desejo ardente de serem apresentados como justos	“serão fartos”	alimentados pela Palavra de Deus	fartos no céu
“os misericordiosos”	mais preocupados com os outros do que consigo	“alcançarão misericórdia”	misericórdia de Deus e dos outros	salvos no céu!
“os limpos de coração”	corações puros centrados em Deus	“verão a Deus”	com os olhos da fé	face a face
“os pacificadores”	seguem a paz com Deus e com os outros	“serão chamados filhos de Deus”	filhos na família de Deus, a igreja	filiação completa no céu
“os perseguidos por causa da justiça”	permanecem fiéis quando perseguidos	“deles é o reino dos céus”	regozijam-se porque foi pelo Senhor	“é grande o vosso galardão nos céus” (v. 12)

MENSAGEM DO AUTOR

Meu plano inicial era preparar treze lições sobre o sermão do monte (um estudo trimestral). Então, dividi o sermão em treze segmentos. Depois, à medida que analisei o texto, percebi que eu não poderia dizer o que queria em trezes lições, e esse número aumentou. Todavia, se você quiser fazer um estudo de trezes semanas, há sugestões nas notas após as lições.

Pode-se juntar esta série com a série sobre as bem-aventuranças publicada anteriormente. Neste caso, sugerimos o seguinte: comece com o material introdutório sobre o sermão do monte na primeira parte da lição “Cidadãos de um Reino Celestial!”, nesta edição. Conclua essa introdução lendo ou citando o sermão do monte integralmente. Depois, nas próximas oito semanas, apresente as lições publicadas na edição “As Bem-Aventuranças”. Daí, vá para a segunda lição desta edição e continue até o fim de toda a série (composta de três edições).

Como sempre, estou incluindo mais informações do que o necessário para se usar numa aula ou num sermão. Elas servem de recursos opcionais para pregadores, professores e estudantes sérios da Palavra. Espero que estes estudos abençoem a sua vida como abençoaram a minha.

David Roper

Autor: David Roper